

Os tempos da viagem para os idosos¹

Ageing in travel

Los tiempos del viaje para los viejos

Alessandra Silva Carvalho²

Maria do Rosário Rolfsen Salles³

Resumo: O significativo aumento da população idosa no mundo vem suscitando o interesse de diversos campos do conhecimento. No que tange ao campo do Turismo é notória a discussão a respeito do envelhecimento, uma vez que os idosos se configuram como potenciais viajantes. Em face destas constatações, neste artigo propõe-se a discussão das vertentes que relacionam o envelhecimento ao turismo, do ponto de vista da melhoria da qualidade de vida do idoso, apresentando as peculiaridades da viagem para este público, explorando os tempos da viagem para o idoso, a partir dos resultados oriundos de uma investigação mais ampla. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com a aplicação de um roteiro semiestruturado para sete idosos que viajam com regularidade, realizou-se análise de conteúdo com os dados recolhidos. Os resultados apontaram para o papel que as viagens cumprem no cotidiano destes idosos, bem como indicaram desdobramentos importantes sobre o papel relevante dessas viagens para a sociabilidade destes indivíduos.

Palavras-chave: Turismo; Lazer; Envelhecimento; Sociabilidade.

Abstract: *The significant increase in the elderly population in the world has fostered the interest of some fields of knowledge. Regarding the field of tourism is notorious discussion about aging, once the elderly represent potential travellers and the variety of opportunities seems almost limitless these days. Based on these findings, this article proposes to discuss the aspects that relate aging to tourism. Seeking to improve the quality of life of elderly patients, following the trip peculiarities and improving the time of travel for the elderly. This is a qualitative research that apply a semi-structured questioner to seven elderly people who travel regularly, there were extensive content analysis with the data collected. The results in this survey pointed that in the 21st century industry has begun reshaping itself to accommodate older travelers with special services and in order to make their stay more comfortable that Indicated important developments on the relevant role of these trips for the sociability of such individuals.*

Keywords: *Tourism; Leisure; Aging; Sociability.*

¹ Trabalho originalmente apresentado durante o VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, realizado de 02 a 04 de outubro de 2011, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), em Balneário Camboriú – SC.

² Graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi. Especialista em Ecoturismo e Turismo Rural pelo Centro Universitário Senac. Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi. Docente do Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo. E-mail: alecarvaho8@gmail.com

³ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Doutoramento em Sociologia Urbana junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales. E-mail: mrrsalles@uol.com.br

Resumen: El aumento significativo de la población de edad avanzada en el mundo ha despertado el interés de diversos campos del conocimiento. En cuanto al sector del turismo es notoria la discusión sobre el envejecimiento, ya que las personas mayores se configuran como los potenciales viajeros. Teniendo en cuenta estos hallazgos, este artículo se propone discutir los aspectos que se relacionan con el envejecimiento para el turismo, desde el punto de vista de la mejora de la calidad de vida de las personas de edad avanzada, con las peculiaridades del viaje, así como la exploración de los tiempos del viaje para ellos, resultados de una investigación más amplia. Se trata de un estudio de investigación cualitativa, mediante la aplicación de entrevistas conducidas a siete personas que viajan con regularidad y con análisis del contenido con los datos recogidos. Los resultados apuntan hacia el papel que los viajes se encuentran en la vida cotidiana de estas personas mayores, así como indican los acontecimientos importantes sobre el papel de estos viajes para la sociabilidad de ellos.

Palabras clave: Turismo; Ocio; Envejecimiento; Sociabilidad.

INTRODUÇÃO

Recentemente o envelhecimento populacional passou a ser objeto de preocupações em diversos âmbitos da sociedade e o assunto tem sido amplamente tratado sobre diversos aspectos, desde vertentes relacionadas à saúde, passando pela economia, comunicação, entre outras. Do ponto de vista da área do Turismo, observa-se com destaque o apelo relacionado à segmentação de mercado que o idoso representa, entretanto, percebem-se novas formas de discussão que abarcam os campos do lazer e da sociabilidade como alternativas de enfrentar melhor a longevidade, que vem progressivamente aumentando na população mundial.

Para tratar sobre o envelhecimento, neste trabalho, considerar-se-á como idoso as pessoas com 60 anos ou mais, segundo o critério adotado pela Organização das Nações Unidas – ONU (2002). A faixa etária a ser estudada enquadra-se no perfil descrito comumente como “Terceira Idade”, todavia, a fim de evitar juízo de valor, utilizar-se-á o termo *idoso* para referenciá-la.

No Brasil, atualmente, cerca 10% da população está acima dos 60 anos e as projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2008) apontam que haverá o aumento para 32 milhões de pessoas em 2020, o que colocará o Brasil na 6ª posição em número de idosos no planeta.

A velocidade no aumento da faixa etária maior de 60 anos, aliada à concepção do idoso como segmento de mercado, provocou o surgimento da oferta de produtos e de serviços direcionados para esta parcela da população em diversos setores.

Assim, corroborando com Dumazedier (1994), pode-se dizer que a amplitude e a diversidade do fenômeno do envelhecimento estão suscitando na sociedade um processo de aprendizagem sobre uma nova categoria de idade que questiona os paradigmas da fase terminal da vida e entende que é preciso conhecer as formas próprias de auto-organização, bem como de sociabilidade para essa faixa de idade.

Diante do exposto, pretende-se desenvolver uma maior compreensão sobre o processo de envelhecimento e sua interface com o turismo e com o lazer, especialmente sobre a representação da viagem na vida social dos idosos. Assim, propõe-se realizar, como objetivo central deste artigo, uma discussão sobre as motivações, as representações e as consequências da

viagem para os idosos entrevistados. Optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, utilizando-se de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi organizado visando ressaltar categorias que permitissem recompor os momentos classificados como “o antes”, “o durante” e “o depois” da viagem, como momentos construtores da sociabilidade entre os elementos envolvidos. Neste sentido, é uma tentativa de colaborar no maior e melhor conhecimento desta faixa etária, sob uma ótica ainda pouco estudada na relação com o Turismo e com o Lazer.

NOVOS ASPECTOS DO ENVELHECIMENTO: LAZER E VIAGEM

Recentemente, a faixa etária maior de 60 anos tem apresentado novas e variadas manifestações de organização coletiva, tais como os grupos de convívio, as chamadas Universidades da Terceira Idade, os clubes, entre outros, o que indica que os idosos têm buscado alternativas de sociabilidade e de compreensão desta etapa da vida.

Diante do levantamento realizado sobre o envelhecimento, pode-se deduzir que no processo de envelhecimento há uma redução no exercício da sociabilidade, possivelmente ocasionada pelo advento da aposentadoria, pela saída do mercado de trabalho, pelo término das obrigações civis e, em muitos casos, também familiares.

É o que os estudiosos chamam de perda de papéis sociais, uma vez que a falta de compromissos formais pode acarretar sensação de vazio, de solidão, de rejeição, entre outras sensações angustiantes que sugerem algum tipo desconforto mental e/ou psicológico. Quando, na verdade, o aumento do tempo livre desta faixa etária poderia ser canalizado para uma nova concepção e reorganização da vida. Entretanto, a falta de educação para o tempo livre acumulada ao longo dos anos interfere na interpretação desta fase.

Nota-se que, ainda que não seja uma realidade predominante, este paradigma de velhice encontra-se em transformação, haja vista as já mencionadas manifestações organizacionais a fim de auxiliar na construção de um olhar positivo sobre o envelhecimento, assim como contribuir para a continuidade de um posicionamento social.

Por outro lado, a imposição das qualidades do tempo do trabalho na sociedade moderna faz com que o indivíduo negligencie as qualidades do tempo do lazer ao longo da vida adulta e, conseqüentemente, na velhice, isto se torna um obstáculo à aceitação e ao regozijo do tempo livre.

De modo que o estilo de vida da sociedade capitalista impede a formação de hábitos de lazer, que se acentuam com envelhecimento, conforme discutido por Oliveira (1996, p. 114):

Observa-se que, ao contrário do que era esperado, o aumento do tempo livre e a diminuição dos gastos em consequência da diminuição das responsabilidades domésticas e profissionais, não aumentam significativamente o interesse do idoso por atividades de lazer, sendo estas cada vez mais restritas com o passar dos anos.

Percebe-se que, apesar das potencialidades do lazer para o idoso, há contrastes na prática social, conforme corroboram os estudos desenvolvidos por Pauli (2000, p. 46):

A dificuldade de ocupar o tempo livre afeta todos os indivíduos, mas atinge os idosos de maneira particular, em decorrência da sociedade, supervalorizar o período ocupado pelo trabalho produtivo. Soma-se a esse fator social a mudança do padrão financeiro e a predisposição ao desenvolvimento de problemas psicossomáticos em virtude das dificuldades de autoexpressão, criatividade e participação, bem como a desagregação do idoso do seu meio social.

Sabe-se que a aposentadoria traz o conflito do vazio e do tédio, todavia, cabe ressaltar que ela apresenta ao indivíduo a possibilidade de descanso e de vivências diferentes das enfrentadas durante o período do trabalho, permitindo, assim, conceber uma nova visão de mundo e, também, fazer novas descobertas.

Desse modo, é possível instituir alternativas para a manutenção e/ou equilíbrio da sociabilidade durante a velhice. Nesse contexto, as atividades de lazer podem representar a oportunidade de estabelecer atitudes positivas em relação à sociedade em que o idoso se encontra, pois é notório que a realização destas atividades estimula o sujeito a compartilhar experiências coletivas, as quais podem promover seu desenvolvimento pessoal e social. Assim, se pode inferir que as atividades de lazer cumprem um papel fundamental na sociabilidade dos idosos. Entretanto, cabe aqui salientar que as atividades de lazer da população idosa no Brasil ocorrem predominantemente em ambiente doméstico, provavelmente, face às escassas condições financeiras próprias de populações dos países em desenvolvimento.

Não obstante, destaca-se que, quando indagado a respeito do tema “lazer” na pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo (FAP) em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC/SP), cujo objetivo era retratar a realidade do idoso brasileiro, 59% dos idosos gostariam de realizar atividades fora de casa, sendo destacado o desejo de viajar ou de passear, apontado por 35% dos entrevistados (Doll, 2007). Em sua análise, Doll (2007, p. 113) relatou ainda que “Viajar é o maior sonho de todos, especialmente dos idosos jovens (60-64 anos: 44%) e das pessoas com alta escolaridade (ensino médio/superior: 36%)”.

Considera-se, então, que a aspiração às viagens é representativa durante a velhice e, talvez, essa ambição esteja relacionada às motivações de ordem social do Turismo, não apenas como recuperadora do desgaste decorrente do trabalho, mas, sobretudo, como constituinte de um planejamento que envolve aspectos físicos, econômicos, mentais e sociais.

Deste modo, planejar uma viagem ou aguardar a sua realização cumpriria um papel valioso no julgamento sobre os ganhos da velhice, bem como das expectativas em relação a esta fase da vida. Uma vez que estimula projetos de vida, realização de desejos, além de movimentar e expandir o círculo social seja dentro da família e dos grupos de amigos já estabelecidos. Não se pretende aqui, colocar a viagem como elemento “salvador” do tédio ou do vazio que pode ser decorrente do envelhecimento, pelo contrário, pretende-se apontar possibilidades de momentos satisfatórios nesse período da vida.

A PESQUISA

A presente investigação apoiou-se em um roteiro de entrevista semiestruturado aplicado com sete idosos que viajam frequentemente. As perguntas foram formuladas considerando o referencial teórico que abarca a relação entre envelhecimento e turismo, buscando traços de sociabilidade que eventualmente acontecessem em virtude do desenvolvimento de viagens.

As entrevistas foram iniciadas com a abordagem do histórico das atividades turísticas realizadas pelos idosos entrevistados ao longo da vida, ou seja, se eles tinham o hábito de viajar, quem eram os companheiros de viagem, quais os destinos visitados, como se sentiam nestas viagens, entre outras coisas.

Em relação às viagens na atualidade, abordaram-se as diferenças percebidas na configuração das viagens no passado e atualmente. Explorou-se qual o julgamento dos entrevistados sobre as viagens em relação às outras atividades de lazer.

Sobre o processo da viagem, propriamente dita, optou-se por subdividir os tempos da viagem em antes, durante e depois, visando compreender as etapas que englobam a atividade turística.

O questionamento sobre o *'Antes da viagem'* abarcava aspectos relacionados às expectativas dos entrevistados quanto às viagens.

No tocante ao *'Durante a viagem'* buscou-se entender como os entrevistados avaliavam a viagem, considerando componentes como o destino, os serviços (hospedagem, transporte, alimentação, compras, entre outros) e, também, os profissionais com quem interagiram.

Indagou-se, ainda, sobre aspectos subjetivos da viagem, como por exemplo, a convivência num tempo e espaço diferente do cotidiano e os possíveis conflitos advindos desta convivência ou, o contrário, seus benefícios.

Em relação ao *'Depois da viagem'* explorou-se duas questões principais: a memória e a sociabilidade, assuntos relevantes na discussão sobre o envelhecimento e que, em geral, aparecem de formas distintas na literatura, mas que na temática do Turismo podem ser debatidas paralelamente, cada uma cumprindo um papel fundamental na velhice. Quanto à memória, na medida em que as atividades de lazer puderem contribuir para ativação dos aspectos cognitivos estarão cooperando para a representação positiva da velhice dos sujeitos nela envolvidos.

No que concerne à sociabilidade, partiu-se do debate sobre o papel social que o fenômeno Turismo desempenha no mundo moderno, considerando que as viagens favorecem o contato mais próximo com o outro e, até mesmo, mais íntimo, o que, eventualmente, pode beneficiar a aproximação e o vínculo, facilitando assim, a ampliação o círculo de amizades. Questionou-se sobre como os entrevistados sentiam-se após da viagem, abordando como se dava este processo em relação aos seus grupos sociais, incluindo desde o relato das experiências até os registros fotográficos, bem como as possibilidades de reencontro com os companheiros de viagem em outras ocasiões.

RESULTADOS DA PESQUISA

A análise dos resultados da pesquisa será respaldada pela transcrição de alguns trechos das entrevistas⁴, de acordo com a pertinência do assunto. Tendo em vista a preservação da identidade dos entrevistados, cada um recebeu a denominação de uma pedra preciosa.

Observa-se que todos os entrevistados já gostavam e tinham o hábito de viajar antes da aposentadoria, entretanto, a configuração das viagens era diferenciada, pois, geralmente, as viagens aconteciam com o grupo familiar, respeitando especialmente o calendário escolar, sendo que a segunda residência, casa de praia ou de campo, era a opção mais frequente.

A abordagem relativa ao processo de preparação da viagem, chamado aqui de '*Antes da viagem*', identificou que a escolha do destino em si tem pouca relevância. Porém, um critério comum a todos os entrevistados é a preferência por lugares novos: "*Eu não opino muito, meus filhos é que escolhem o lugar, mas eu faço uma exigência de conhecer alguma coisa que eu nunca vi. Por exemplo, eu já fui umas dez vezes pra Paris, se eles quiserem ir pra lá de novo eu vou, mas eles já sabem que eu vou escolher algum programa novo. Pode ser um restaurante, um lugar qualquer, mas eu quero aprender alguma coisa nova, que eu nunca vi antes*" (Berilo). Já outra entrevistada diz: "*Ah eu não vou na próxima viagem por que é repetida, eu já conheço Maceió, então não quero gastar pra ir num lugar que eu já fui. Prefiro guardar pra ir em outro lugar novo*" (Ágata).

Por outro lado, apareceram declarações positivas sobre a reincidência de lugares visitados, neste caso enquadram-se as viagens para visitar familiares, em geral filhos. Pode-se dizer que nestas viagens eles são mais passivos no que concerne às atividades de lazer e de turismo, pois se envolvem pouco ou nem chegam a se envolver nestas atividades no destino visitado.

No processo de preparação da viagem os entrevistados costumam procurar informações sobre o destino a ser visitado, característica comum a outras faixas etárias, contudo o que chama a atenção é o fato de fazerem isso depois de já terem efetuado a compra.

Antes da viagem os entrevistados costumam pedir opinião das pessoas próximas sobre a arrumação da mala e sobre a decisão dos passeios que realizarão, sendo comum a interferência da família neste sentido. Quanto aos aspectos subjetivos pré-viagem, destaca-se a ansiedade e curiosidade pelo que acontecerá na viagem.

Quando se trata do processo '*Durante a viagem*', percebeu-se que há unanimidade na preferência por realização de viagens habitualmente chamadas por eles de "excursão", referindo-se aos pacotes das agências de viagem, em muitos casos, vinculados aos grupos de convivência.

A eleição de viagens organizadas por terceiros aponta para a necessidade de transferir a responsabilidade da organização da viagem e também pela confiança no atendimento de profissionais da área. "*É a agência que organiza, fica mais fácil, a gente já conhece e confia*" (Pérola). "*A coordenadora é quem vê tudo. Ela sempre contrata a agência e fica tudo certo*" (Ônix).

Embora seja comum a preocupação com a saúde, percebeu-se que durante as viagens pode haver negligência da rotina em relação aos cuidados com a saúde, principalmente no que diz

⁴ Será utilizada grafia em itálico para identificação da 'fala' dos entrevistados.

respeito à medicação. *“Eu não tomo direito os remédios não, só quando eu sinto alguma coisa [risos] tomo uma cervejinha, um vinhozinho no jantar, é bom e ninguém é de ferro. Minha filha é que não pode saber [risos]”* (Ágata).

Não se observou a existência de critérios definidos para a avaliação positiva de uma viagem, em geral, demonstraram gostar de tudo que dá certo. A ocorrência de incidentes é que pode influenciar em uma avaliação negativa, entretanto, não é uma avaliação da viagem como um todo, mas sim de algum aspecto, como por exemplo ‘não ter que preocupar-se’: *“Eu não gosto de ter stress. Quero aproveitar a viagem”* (Berilo). Outra citação foi sobre a programação ou o roteiro da viagem, os entrevistados gostam de acompanhar o que vai ser feito durante a viagem e se organizar para tal.

O horário, isto é, o cumprimento dele, também foi mencionado como relevante, incluindo aí a pontualidade na execução do roteiro e, principalmente, o respeito ao horário pelos participantes do pacote. Neste caso, duas declarações destacaram-se: *“O que eu não gosto na excursão é daquele pessoal que não chega no horário. Fica todo mundo esperando, enquanto poderia estar conhecendo alguma coisa, daí atrasa o roteiro e a gente pode perder de ir nalgum lugar que tava programado e tinha horário”* (Jade) e *“Eu sou muito rígida com horário. E não to errada. Errado é quem chega atrasado. Tem que aprender a cumprir o horário. Se tá combinado pra sair do hotel tal horário, tem que sair tal horário. Eu acho isso um desrespeito”* (Pérola).

Em relação aos serviços, a avaliação destes versa de maneira diferenciada. Sobre a hospedagem os entrevistados não demonstraram muita preocupação com o nível dos hotéis, se preocupam mais que estes façam jus à compra feita. *“Se eu paguei por um hotel quatro estrelas, quero um quatro estrelas. Não um de duas estrelas [...] não tem problema ficar num hotel de duas estrelas, mas tenho que pagar por duas, então”* (Berilo).

Sobre as compras as respostas foram divergentes, enquanto alguns demonstraram não se preocupar com isso, outros fazem questão de trazer algo que represente o lugar visitado: *“Eu gosto muito de fazer compras, separo parte do dinheiro e trago um monte de coisas. Meu guarda-roupa tá cheio de camiseta de tudo quanto é lugar. Minhas filhas não aguentam, já falaram pra eu parar com isso, mas eu compro, pra um, pra outro”* (Ágata). Ou ainda: *“Vixe, compras. A gente compra muito. Sempre vai eu e a minha mulher e a gente traz um monte de coisa, por que tudo que traz pra um, tem que trazer pro outro. Também, a gente não sabe quando vai voltar lá pra comprar de novo”* (Ônix).

Sobre os profissionais com quem têm contato, esperam que sejam gentis e carismáticos. *“O rapaz lá da agência é muito bonzinho, mas eu não gosto muito dele, por que ele é assim... meio sem sal nem açúcar. Ele não tem carisma!”* (Pérola). Outro depoimento aponta: *“Eu presto muita atenção como o pessoal trata a gente. É da Terceira Idade, tem que tratar bem, não pode tratar assim de qualquer jeito. Eu gosto de ir em lugar que sou bem tratado, pra me sentir bem”* (Topázio).

Em relação à integração com os outros participantes da viagem, especificamente nos casos de viagens realizadas com grupos de convívio, mencionou-se o cuidado de observar o

comportamento do grupo para integrar-se a ele, como por exemplo, com as vestimentas. Nos passeios de um dia Ágata, Esmeralda e Pérola disseram que preferem se vestir de maneira mais simples, pois estes passeios costumam ser mais baratos, possibilitando que pessoas de baixo poder aquisitivo participem e as entrevistadas julgam que não devem se vestir diferente das outras para não ficarem excluídas do grupo, para não parecerem, nas palavras de Esmeralda: “[...] metida à besta”.

O retorno da viagem, chamado aqui de ‘*Depois da viagem*’, é vivido pelos entrevistados com intensidade, pois ao voltar para casa desejam contar os detalhes de suas aventuras às pessoas próximas: “*Sempre conto como foi, o que eu fiz de bom. É muita coisa pra falar, nem dá pra falar por telefone, tem que ir na casa pra contar tudo*” (Safira).

Apesar desta euforia, relataram que sentem cansaço após a viagem, pois lá se permitem tudo, saem da rotina. “*Quando a gente volta, eu penso ‘ainda bem que tenho meu cantinho’, por que volto esgotado*” (Ônix).

Alguns depoimentos apontaram a viagem como compensatória no sentido de ser fonte de aprendizado e conhecimento. “[...] *quanta coisa se aprende viajando. Tem tanta coisa diferente. Por isso que eu gosto de viajar, pra aprender*” (Topázio). Já outro coloca: “*Eu gosto de saber como são as coisas de cada lugar, a cultura, a história, é fascinante viajar por isso* (Berilo). “*Eu to descobrindo a vida, o mundo! Veja você que eu nunca tinha pensado em viajar de navio e já to indo pro meu quarto cruzeiro. Esse último que eu fiz foi até a Argentina e eu nem falo espanhol, mas já voltei com umas palavrinhas na ponta da língua*” (Ágata).

Entre todos os entrevistados apareceu o tema foto com especial relevância, sendo que todos admitiram satisfação em fotografar as viagens para mostrar aos outros e também para lembrar-se da viagem. Um caso interessante é o de Pérola que registra os momentos da viagem e costuma editar as fotos para compor uma apresentação digital que motiva um encontro para o qual são convidados os companheiros de viagem e os organizadores para lembrar a temporada que passaram juntos. Ao final da reunião ela distribui uma cópia em CD-ROM para cada um dos presentes, caso o representante da agência de viagens que os acompanhou não possa estar presente, ela envia uma cópia da mídia como recordação.

Além do aspecto de recordação, estes encontros suscitam outra interpretação relacionada à sociabilidade e ao estreitamento dos vínculos entre os participantes da viagem, uma vez que enquanto reúnem-se exercitam e reforçam a amizade.

Ressalta-se que, tanto as fotos, como os objetos adquiridos durante as viagens cumprem um papel na memória dos idosos, trazendo à tona a lembrança de um momento especial.

Da mesma forma os objetos funcionam como emblemas, elementos distintivos que atuam no reconhecimento social e que, por vezes, aparecem envolvidos numa trama simbólica em que valores sentimentais, como aqueles ligados a uma figura familiar a que originalmente pertenceu o objeto, mesclam-se com valores sociais, que os classificam como indicadores de distinção e refinamento (Ferreira, 1998, p. 218).

Isso fica claro quando todos os entrevistados, tanto aqueles que só compram o que realmente gostam quanto àqueles que compram tudo que veem pela frente, fazem questão de mostrar os objetos e contar suas histórias, fato ocorrido em todas as visitas realizadas para a concretização das entrevistas. Verifica-se que o *souvenir* está além da sua utilidade propriamente dita, funcionando como instrumento impulsionador da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada foi possível observar que, de fato, os idosos atualmente estão distantes da imagem de isolamento e de caducidade construída historicamente. Uma das características que chama a atenção para esta nova configuração da velhice é a maneira como este grupo etário vem se organizando, de modo a manter uma rede de apoio social durante o processo de envelhecimento, buscando verdadeiros espaços de hospitalidade.

Os entrevistados comprovaram que a avaliação positiva ou negativa da velhice depende de um conjunto de fatores que envolvem sua saúde física, o bem estar de sua família, a oportunidade de acesso a serviços e produtos, vinculados ao seu histórico socioeconômico, entre outros.

No tocante às atividades de lazer na velhice, observa-se que há divergências no entendimento sobre o tema, entretanto, cada um a seu modo internalizou o princípio básico da definição de lazer que compreende o livre arbítrio e o prazer.

Confirmando outros estudos, a viagem está entre os principais desejos do idoso e tem especial destaque nas preferências de lazer dos entrevistados, sobretudo, por suas características de desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Ficou explícito que há diferenças de poder aquisitivo entre os entrevistados, enquanto um já esteve diversas vezes em Paris, outro teve sua primeira oportunidade de realizar uma viagem internacional, dentro da própria América do Sul, depois da aposentadoria. Ainda assim, é evidente, que este grupo é financeiramente privilegiado, quando comparado à maioria da população idosa brasileira, pois podem gozar sem maiores dificuldades econômicas seus desejos de viagens.

Constatou-se que as expectativas anteriores à viagem são subjetivas na medida em que cada um busca nela o preenchimento de lacunas individuais e variadas que se configuram como motivadoras na concretização da viagem, notadamente, pelo caráter libertador apresentado pelos entrevistados.

Em relação às outras atividades de lazer, a viagem tem uma característica particular, uma vez que a atividade não começa e termina durante a sua execução. Ao contrário, a dinâmica da viagem compreende, além do durante, os períodos antes e depois, o que enriquece as possibilidades de sociabilidade deste tipo de atividade de lazer.

Registra-se que a prática da sociabilidade durante a realização da viagem é inevitável e reconhecida pelos entrevistados como um aspecto positivo no sentido de proporcionar a oportunidade de fazer novas amizades, no caso de viajarem com pessoas que ainda não conhecem

e, cabe salientar, que estas amizades não se restringem exclusivamente às pessoas da mesma faixa etária, incluindo todos aqueles que possam ter algum tipo de afinidade para estabelecer contato e, eventualmente, manter um vínculo.

Durante a viagem também é possível estreitar vínculos com pessoas que talvez já tenham certo contato (caso daqueles que viajam com integrantes de grupos de convívios, de academias, instituições religiosas ou outros), mas não tiveram outras oportunidades de estabelecerem um contato mais próximo.

Destaca-se que há um exercício de trocas sociais, nos períodos antes e depois da viagem, percebe-se que esse fluxo de sociabilidade é mais intenso dentro do grupo familiar primário e dos amigos próximos, os quais participam de alguma maneira do processo que envolve o planejamento e a ansiedade da pré-viagem, bem como continuam envolvidos posteriormente à viagem por meio das conversas e das recordações advindas das experiências vivenciadas.

A interpretação dos dados coletados nas entrevistas demonstra que os idosos depositam nas atividades de lazer e no turismo, ou seja, nas viagens, o desejo de manterem-se socialmente ativos e são recompensados por alcançar esta finalidade e, igualmente, pela ampliação da sociabilidade.

Assim, a viagem tem especial destaque na concepção de bem estar subjetivo percebida pelos entrevistados, colaborando diretamente para a melhoria da qualidade de vida e possibilitando uma velhice bem sucedida.

À parte a consideração sobre a pesquisa propriamente dita, registra-se na finalização deste artigo a contribuição para o campo de conhecimento do Turismo, ainda que não fosse este o propósito principal desta investigação, nota-se que alguns apontamentos podem sugerir a melhoria dos serviços turísticos. No que tange aos aspectos objetivos e operacionais faz-se necessário atentar às particularidades do idoso, como as restrições de mobilidade e de saúde, para melhor atendê-lo sem, no entanto, parecer que se trata de um arranjo excludente. Quanto aos aspectos subjetivos do serviço, chama-se a atenção para a densidade do significado que o lazer e o turismo podem exercer na concepção de qualidade de vida do idoso que adquire este tipo de serviço. Também não se pode deixar de colocar sobre a postura dos profissionais que lidam com este público, o qual anseia um tratamento que respeite sua dignidade e autonomia.

REFERÊNCIAS

- Doll, J. (2007). Educação, cultura e lazer. In A. L. Neri (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/SESCSP.
- Dumazedier, J. (1994). *A Revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel/SESC.
- Ferreira, M. L. M. (1998). Memória e velhice: do lugar da lembrança. In M. M. L. de Barros (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2008). *Tábuas completas de mortalidade – 2007*. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=1275

Oliveira, Y. A. D. de. (1996). O lazer do idoso. In R. A. P. Rodrigues, & M. J. D. Diogo (Orgs.). *Como cuidar dos idosos* (pp. 113-120). Campinas, SP: Papirus. Coleção Vivacidade.

Organização das Nações Unidas – ONU. (2002). *Plano de Ação Internacional para o envelhecimento*. Madri.

Pauli, C. T. de C. (2000). *O lazer na terceira idade: um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado).

Recuperado de Centro Universitário Ibero Americano, São Paulo.

Artigo recebido em: 21/08/2012.

Artigo aprovado em: 07/03/2013.